

V CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA

**ARQUIVOLOGIA E INTERNET:
CONEXÕES PARA O FUTURO**

01 a 05 de Outubro 2012 | Salvador-BA
Pestana Bahia Hotel

TRABALHOS COMPLETOS

www.enara.org.br/cna2012
Salvador. A Capital Nacional da Arquivologia em 2012

SUMÁRIO

QUANDO O ACESSÁVEL PODE NÃO SER ACESSÍVEL: UM ESTUDO SOBRE O SISTEMA DE APOIO AO PROCESSO LEGISLATIVO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA PARAÍBA (SAPL) À LUZ DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO, **JOSÉ CANUTO DA SILVA JÚNIOR (e co-autoria de Henrique Elias Cabral França)**

O ACESSO A INFORMAÇÃO AO LONGO DA HISTÓRIA E SUA CONSOLIDAÇÃO LEGAL NO BRASIL: PROPOSTAS DE REFLEXÃO PARA O PROFISSIONAL ARQUIVISTA, **HENRIQUE ELIAS CABRAL FRANÇA (e co-autoria de José Canuto Da Silva Júnior)**

INVESTIGAÇÃO DO USO DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO NORTE: UMA VISÃO ATRAVÉS DOS FUNCIONÁRIOS DAS SECRETARIAS DO MUNICÍPIO, **WENDEL GIBBON DE OLIVEIRA (e co-autoria de Valéria Raquel Bertotti; Angélica C. D. Miranda)**

PRINCÍPIOS CIENTÍFICOS DA CLASSIFICAÇÃO E CONTRIBUIÇÕES AO PLANO DE CLASSIFICAÇÃO DE ATIVIDADES-FIM DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR – IFES, **ROSALE DE MATTOS SOUZA (e co-autoria de Andressa Furtado da Silva de Aguiar; Gleice da Silva Branco)**

CURSO DE QUÍMICA INDUSTRIAL/UFRGS TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE PALEOGRÁFICA DOS HISTÓRICOS ESCOLARES, **BRUNA ARGENTA MODEL (e co-autoria de Ana Regina Berwanger)**

A INOVAÇÃO E A ARQUIVOLOGIA: CONCEITO E CIÊNCIA PARA A SOCIEDADE, **ELIANDRO DOS SANTOS COSTA (e co-autoria de Maria Inês Tomael, Mayara Talita dos Santos)**

DISCUTINDO A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUIVÍSTICO DIGITAL, **LAERTE PEREIRA DA SILVA JÚNIOR (e co-autoria de Thais Helen do Nascimento Santos)**

LABORATÓRIO DE PRÁTICAS ARQUIVÍSTICAS INTEGRADAS: O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UFPB, **JULIANNE TEIXEIRA E SILVA (e co-autoria de Maria Meriane Vieira Rocha)**

LEVANTAMENTO DA TIPOLOGIA DOCUMENTAL DE UMA COORDENAÇÃO DE CONTABILIDADE E FINANÇAS DE UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DE ENSINO SUPERIOR: ASPECTOS PRELIMINARES PARA UMA GESTÃO ARQUIVÍSTICA, **CLODEMIR DA COSTA NASCIMENTO (e co-autoria de Rosa Zuleide Lima de Brito, Julianne Teixeira e Silva)**

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NÃO-OBRIGATÓRIO PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA, **MARIA MERIANE VIEIRA DA ROCHA (e co-autoria de Julianne Teixeira e Silva)**

O FLUXO DOCUMENTAL DA JUSTIÇA FEDERAL DA PARAÍBA (JFPB): UM RELATO DE EXPERIÊNCIA, **MARCIO BEZERRA DA SILVA (e co-autoria de Wendia Oliveira de Andrade, Rosa Zuleide de Brito)**

FOTOGRAFIAS DO CHCP: POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS PARA A PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DA MEMÓRIA, **MARIA CANDIDA DA SILVEIRA SKREBSKY (e co-autoria de Carlos Blaya Perez)**

ACESSO E USO DA INFORMAÇÃO EM ARQUIVOS SOB A PERSPECTIVA DOS SERVIÇOS DE DIFUSÃO CULTURAL E AÇÕES EDUCATIVAS, **THAIS HELEN DO NASCIMENTO SANTOS (e co-autoria de José Washington de Moraes Medeiros)**

SISTEMA DE GESTÃO INTEGRADO: DESVENDANDO O PROTOCOLO DO IMEQ/PB – INMETRO, **ESMERALDA PORFIRIO DE SALES (e co-autoria de Christian Palmer Ferreira da Silva, João Paulo do Nascimento Soares)**

A COORDENAÇÃO DE ARQUIVOS DA UFF: UM PROCESSO ARQUIVÍSTICO DE REVITALIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO., **ROSALE DE MATTOS SOUZA (e co-autoria de Jorge Martins Fagundes, Beatriz Bahia, Igor Garcez, Pablo Souza Vaqueiro)**

FACULDADE DE DIREITO CLOVIS BEVILAQUA: A DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA ATRAVÉS DO ICA-ATOM, **ANDREA GONÇALVES DOS SANTOS (e co-autoria de Bruna Paim Reis, Daniel Flores)**

A POLÍTICA DE ARRANJO PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG, **ANDREA GONÇALVES DOS SANTOS (e co-autoria de Karin Christine Schwarzbald; Tatiane Vedoin Viero)**

A JUSTIÇA FEDERAL DA PARAÍBA (JFPB) E O USO DO SRI TEBAS, **WENDIA OLIVEIRA DE ANDRADE (e co-autor Marcio Bezerra da Silva)**

A TEORIA E A "PRÁXIS" DAS TRÊS IDADES DOCUMENTAIS NA REALIDADE DAS MASSAS DOCUMENTAIS ACUMULADAS NOS ARQUIVOS BRASILEIROS, **KLEANE PÂMELA PEREIRA DOS SANTOS (e co-autoria de Rodrigo Fortes)**

UM RECORTE DA REALIDADE DA PROFISSÃO DO ARQUIVISTA: A ATUAÇÃO DOS ARQUIVISTAS NAS ORGANIZAÇÕES CONTÁBEIS, **STELA LICHTENHELD CRAUS (e co-autoria de Maria Beraldi Passini de Castro)**

CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS EM UNIVERSIDADES: UM ESTUDO DE TRÊS CASOS, **MARIA RAQUEL LISBOA COSTA MARQUES**

A DIFUSÃO E A "PÓS-DIFUSÃO" CULTURAL COMO ESTRATÉGIA DE DISSEMINAÇÃO DOS SERVIÇOS DE ARQUIVO., **SUELLEN BARBOSA GALDINO (e co-autoria de Rodrigo Fortes de Ávila)**

PERSPECTIVAS PARA ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE PESQUISA: CONSTRUÇÃO DO CATÁLOGO PARA O ARQUIVO MUSICAL DA BANDA DE MÚSICA 5 DE AGOSTO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA-PB, **EGBERTO DA SILVA LIMA (e co-autoria de Manuela E. Maia, Rodrigo Fortes de Ávila)**

LEI DE ACESSO: A EXPERIÊNCIA DA UFRGS, **RITA DE CÁSSIA PORTELA DA SILVA (e co-autoria de Flávia Helena Conrado)**

A INSERÇÃO SOCIAL DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA : O CASO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL), **LINETE BARTALO (e co-autoria de Ivone Guerreiro Di Chiara; Miguel Luiz Contani)**

O PROCESSO DE QUALIFICAÇÃO TÉCNICA EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO A PARTIR DA CAPACITAÇÃO DE SERVIDORES, **MARCELA GONÇALVES TEIXEIRA (e co-autoria de Daniel Flores)**

CATÁLOGO SELETIVO DO 1º SEMINÁRIO DE ENSINO EM ARQUIVOLOGIA FURG, **ROSANE APARECIDA DE ANDRADE (e co-autoria de Fabiane Pereira da Silveira, Valéria Raquel Bertotti)**

PALEOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE E O ENSINO PALEOGRÁFICO FRENTE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS, **ENEIDA IZABEL SHIRMER RICHTER (e co-autoria de Rafael Chaves Ferreira)**

POLÍTICAS DE ACCESO A LA INFORMACIÓN Y SU RELACIÓN CON EL CONCEPTO DE CIUDAD-REGIÓN, **MARIA JANNETH ALVAREZ ALVAREZ**

GESTÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA FURG, **ROSANE APARECIDA DE ANDRADE** (e co-autoria de **Luciana Penna dos Santos, Luciana Souza de Brito**)

INFORMAÇÃO E MEMÓRIA: REFLEXÃO DOS CONCEITOS SOB A ÓTICA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, **DANIELLE ALVES DE OLIVEIRA** (e co-autoria de **Thiago Gomes Medeiros**)

ARQUIVOLOGIA E HISTÓRIA: UM DIÁLOGO ESSENCIAL NA FORMAÇÃO ACADÊMICA, **RAFAEL CHAVES FERREIRA** (e co-autoria de **Glauca Vieira Ramos Konrad**)

O ARQUIVISTA E SUA REPRESENTAÇÃO NAS MÍDIAS: A (DES)CONSTRUÇÃO DO PROFISSIONAL, **ALESSANDRO FERREIRA COSTA** (e co-autoria de **Eliane Bezerra Lima**)

CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS DE ARQUIVO: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS E SEUS NOVOS DESAFIOS, **MARIA RAQUEL LISBOA COSTA MARQUES**

A GESTÃO DOCUMENTAL NOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM, **ROSINILDA DAMASCENO DOS SANTOS FILHA** (e co-autoria de **Augusto Britto**)

A INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA COMO SUBSTRATO CULTURAL NA CONSOLIDAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA., **DANIELLE ALVES DE OLIVEIRA**

A MEMÓRIA E A ARQUIVÍSTICA: RELATO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – RS, **GEISI GRAZIANE GOULARTE ANTONELLO** (e co-autoria de **Carla Saldanha da Silva, Rosani Beatriz Pivetta da Silva**)

DE GUARDIÃO DE DOCUMENTOS A GESTOR DA INFORMAÇÃO: O ARQUIVISTA EM BUSCA DE SUA IDENTIDADE PROFISSIONAL, **WAGNER RAMOS RIDOLPHI**

AS PRÁTICAS ARQUIVÍSTICAS NO CONTEXTO DO ARQUIVO GERAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB), **INGRID RIQUE DA ESCÓSSIA PEREIRA** (e co-autoria de **Janaina Lima dos Santos, Priscila Zelo Patrício de França, Rosa Zuleide Lima de Brito**)

APLICAÇÃO DA NORMA ISDF NA SECRETARIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE RESTINGA SÊCA, **SÔNIA ELISABETE CONSTANTE** (e co-autoria de **Daine Regina Segabinazzi Pradebon, Lisieli Rorato Dotto, Débora Flores**)

A REVISÃO CURRICULAR EM CURSOS DE ARQUIVOLOGIA: UM ESTUDO NA UFSM, **SÔNIA ELISABETE CONSTANTE** (e co-autoria de **Emili Lemanski dos Santos, Lisieli Rorato Dotto, Fernanda Kieling Pedrazzi**)

SENSIBILIZAÇÃO DA NECESSIDADE DE PROFISSIONAL ARQUIVISTA PARA GERENCIAMENTO E RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO TELEVISIVA, **ANA ISABEL FERREIRA WANDERLEY** (e co-autoria de **Érica Ferreira Rodrigues, Lidiane Carneiro de Sousa, Lidiane da Silva Ferreira**)

PRESERVAÇÃO DE ACERVOS, MARMORIZAÇÃO DE PAPEL E INCLUSÃO SOCIAL, **CRISTINA STROHSCHOEN** (e co-autoria de **Denise Molon Castanho, Luiza Segabinazzi Pacheco**)

DIAGNÓSTICO TÉCNICO E DIRETRIZES PARA REVITALIZAÇÃO DO ARQUIVO DA DIVISÃO DE ARQUIVO MÉDICO E ESTATÍSTICA (DAME) DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEI – UFPB, **JULIANNE TEIXEIRA E SILVA** (e co-autoria de **Dulce Amélia de Brito Neves**)

ASPECTOS GERAIS SOBRE PRESTAÇÃO DE CONTAS: TEMPORALIDADE DE DOCUMENTOS PÚBLICOS DE ARQUIVO VINCULADOS À APROVAÇÃO DE CONTAS, **DOMINGOS DA COSTA RODRIGUES** (e co-autoria de **Tânia Maria de Moura Pereira, Eliane Braga de Oliveira, Sérgio P. da Silva Coletto**)

A ELABORAÇÃO DO PLANO DE CLASSIFICAÇÃO PARA A SECRETARIA MUNICIPAL DE HABITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO URBANO – SMHADU: SUBSÍDIOS PARA A DEFINIÇÃO DE POLÍTICAS DE SISTEMAS DE ARQUIVO E GESTÃO DOCUMENTAL NO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE, **GISLAINE PINTO KRAMER** (e co-autoria de **Giulia Machado Tavares, Jorge Alberto Soares Cruz, Rita de Cássia Portela da Silva**)

O PAPEL DO ARQUIVISTA NO PROCESSO DE DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO ARQUIVÍSTICO: A EXPERIÊNCIA DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MINAS GERAIS NO TREINAMENTO, CONSCIENTIZAÇÃO E ENSINO DE PRÁTICAS E POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS, **WELDER ANTONIO SILVA** (e co-autoria de **Wendell Lopes de Assis**)

O NUDOC COMO MEMÓRIA DO CINEMA PARAIBANO, **CAROLINA BARROS MADRUGA** (e co-autoria de **Aline Rouse Almeida da Silva**)

PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DO ACERVO HISTÓRICO DO CPDOC: DESAFIOS E PERSPECTIVAS, **DANIELE CHAVES AMADO** (e co-autoria de **Martina Spohr**)

GUIA DA COLEÇÃO “JORNAIS DO BRASIL: O ACERVO DE JORNAIS DO ARQUIVO CENTRAL E HISTÓRICO DA UFV” E INVENTÁRIO DA SÉRIE “JORNAIS DE ESQUERDA”, **EDUARDO LUIZ DOS SANTOS** (e co-autoria de **Sara Helena Amaral de Sousa**.)

POLÍTICAS DE ACESSO E PRESERVAÇÃO DE COLEÇÕES FOTOGRÁFICAS DE NEGATIVOS DE VIDRO: QUANDO O PATRIMÔNIO É UMA IMAGEM QUE QUEBRA!, **CRISTINA STROHSCHOEN** (e co-autoria de **Carlos Blaya Perez**)

A DIFUSÃO NO USO DOS DOCUMENTOS ELETRÔNICOS E A FUNÇÃO DO ARQUIVISTA NESSE NOVO CENÁRIO, **KÁTIA SANTIAGO VENTURA** (e co-autoria de **Carlos Roberto do Nascimento Cavalcante**)

INFORMAÇÃO ESTRATÉGICA EM REDE: A EXPERIÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DE SISTEMA DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO DIRECIONADA PARA TOMADA DE DECISÃO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR, **KÁTIA SANTIAGO VENTURA** (e co-autoria de **Carlos Roberto do Nascimento Cavalcante**)

RELAÇÕES ENTRE OS REPOSITÓRIOS DIGITAIS E OS PRINCÍPIOS ARQUIVÍSTICOS, **ALEXANDRE FERNAL** (e co-autoria de **Fernando Luiz Vechiato**)

A PESQUISA E O RESPEITO AO PRINCÍPIO DA PROVENIÊNCIA NA ORGANIZAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA (MAE) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), **ÂNGELA CAROLINA DE CASTRO SIMÕES** (e co-autoria de **Aline Fernanda Lopes**)

ORGANIZAÇÃO DO ARQUIVO INTERMEDIÁRIO E PERMANENTE DO ARQUIVO GERAL DA UFBA, **NANCI MOREIRA DOS SANTOS** (e co-autoria de **Patrícia Reis**)

O “DISCURSO DE/SOBRE” A LEI Nº 12.527 EM DUAS MATERIALIDADES: A LEI E O JORNAL, **FERNANDA KIELING PEDRAZZI**

NORMATIVAS PARA DESENVOLVIMENTO DE UM SISTEMA INFORMATIZADO DE GESTÃO ARQUIVÍSTICA DE DOCUMENTOS, **FERNANDO ALVES DA GAMA (e co-autoria de Ivone Gomes de Brito)**

O MARKETING COMO FERRAMENTA DE DIFUSÃO DAS ATIVIDADES ARQUIVÍSTICAS, **FERNANDA MARCELE SANTANA LAGE LINHARES (e co-autoria de Nídia Maria Lienert Lubisco)**

APLICAÇÃO DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO, DA USABILIDADE E DA ACESSIBILIDADE EM WEB SITES DE ARQUIVOS, **FERNANDO LUIZ VECHIATO (e co-autoria de Vânia Jaqueline Domingues, Ana Maria da Silva Rebelo, Alexandre Fernal)**

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A DISCIPLINA DE DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA OFERTADA NOS DIFERENTES CURSOS DE ARQUIVOLOGIA DO BRASIL., **TIELE PADILHA SILVEIRA (e co-autoria de Valéria Raquel Bertotti.)**

O DIAGNÓSTICO DE ARQUIVO COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO DO FAZER ARQUIVÍSTICO: RELATO DA EXPERIÊNCIA DE MONITORIA DE GESTÃO DE DOCUMENTOS II NO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UEPB, **KETLEN OLIVEIRA ESTEVAM (e co-autoria de Maria José Cordeiro de Lima)**

ARQUIVOLOGIA: NOVAS TECNOLOGIAS E ANTIGOS DESAFIOS, **EVA CRISTINA LEITE DA SILVA (e co-autoria de Graziela Martins de Medeiros, Luciane Paula Vital)**

"METODOLOGIA PARA ANÁLISE, AVALIAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO CURRICULAR DE CURSOS DE ARQUIVOLOGIA: A EXPERIÊNCIA DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS" , **LEANDRO RIBEIRO NEGREIROS (e co-autoria de Welder Antônio Silva, Cíntia Aparecida Chagas Arreguy)**

SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO BRASIL E NO MUNDO NO SÉCULO XIX: A ORGANIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO DA COLEÇÃO DE IMPRESSOS DO ACERVO ARQUIVÍSTICO DO OBSERVATÓRIO NACIONAL, **EVERALDO PEREIRA FRADE (e co-autoria de José Benito Yárritu Abellás e Nínive Britez Biçakçi)**

PRESERVAÇÃO E ACESSO: RAZÕES E CAMINHOS DE UM PROCESSO DE DIGITALIZAÇÃO DE ACERVOS ARQUIVÍSTICOS: O CASO DO ARQUIVO DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA DO MAST, **JOSÉ BENITO YÁRRITU ABELLÁS (e co-autoria de Everaldo Pereira Frade)**

O ACESSO A INFORMAÇÃO: MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO NO ESTADO DA PARAÍBA, **ISMAEL BATISTA DOS SANTOS SILVA**

A PRODUÇÃO E A CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS NO SOFTWARE DE GESTÃO DOCUMENTAL NUXEO SOB A ÓTICA DA ARQUIVÍSTICA, **SERGIO RENATO LAMPERT (e co-autoria de Daniel Flores)**

OBJETOS VIRTUAIS INTERATIVOS NO ENSINO DE ARQUIVOLOGIA, **LUCIANA OLIVEIRA PENNA DOS SANTOS Luciana Souza de Britto, Rafael Augusto Penna dos Santos**

A SAÚDE NO BRASIL E OS ARQUIVOS MÉDICOS COMO INSTRUMENTO PARA EXERCÍCIO DA CIDADANIA, **RAONE SOMAVILLA**

DISCURSOS DE MEMÓRIA DO ASSOCIATIVISMO ARQUIVÍSTICO BRASILEIRO, **EVELYN GOYANNES DILL ORRICO (e co-autoria de Eliezer Pires da Silva)**

O USO DE TECNOLOGIAS PARA MAPEAMENTO DE INFORMAÇÕES ARQUIVÍSTICA, **BRUNO OLIVEIRA DA COSTA (e co-autoria de Elias de Oliveira)**

ARQUIVO DIGITAL ESCOLAR(ARQDESC) ARQUITETURA DE UM SISTEMA INFORMATIZADO PARA O ARQUIVO DA ESCOLA JOSÉ LINS DO RÊGO, **IRANY RODRIGUES BARBOSA (e co-autoria de Josemar Henrique de Melo)**

SISTEMA INTEGRADO DE ACESSO DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO (SIA-APM): UMA EXPERIÊNCIA DE DIFUSÃO ON LINE, **RENATO PINTO VENANCIO**

A NECESSIDADE DE IMPLANTAÇÃO DE UMA POLÍTICA DE GESTÃO DE DOCUMENTOS NA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, **ANA LÚCIA DA SILVA DO CARMO**

ANÁLISE DO MÓDULO ARQUIVO DO SISTEMA PERGAMUM, **ANA PAULA ALVES SOARES**

PRESERVAÇÃO DIGITAL E SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO: O USO DA NORMA ISO/IEC 17799 – CÓDIGO DE PRÁTICA PARA GESTÃO DA SEGURANÇA DE INFORMAÇÕES NAS INSTITUIÇÕES DE SALVADOR DURANTE A REALIZAÇÃO DE PRESERVAÇÃO DIGITAL DE DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS, **RAFAEL BOTELHO DORIA (e co-autoria de Sérgio Franklin Ribeiro da Silva)**

A APLICABILIDADE DO MARKETING NO ARQUIVO, **NELMA CAMÊLO DE ARAUJO (e co-autoria de Ana Paula Barbara)**

ARQUIVISTA: MANEJO DE ARQUIVOS E DE REGISTROS, **ELAYNE ORTOLAN ALTOÉ (e co-autoria de Taiguara Villela)**

O PAPEL DA FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO AMAZONAS (FAPEAM) PARA A ORGANIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DOS ARQUIVOS DOCUMENTAIS NO AMAZONAS, **RODOLFO ALMEIDA DE AZEVEDO (e co-autoria de Francisca Deusa Sena da Costa)**

A ONTOLOGIA DO CUIDADOR: ARTICULAÇÕES ENTRE AS COMPETÊNCIAS DO PROFISSIONAL MÉDICO E DO PROFISSIONAL ARQUIVÍSTICO., **MICHELLE CHAVES DE ARAÚJO (e co-autoria de Esmeralda Porfírio de Sales)**

O ARQUIVO DE LINA BO BARDI: REVISITANDO UMA EXPERIÊNCIA, **JOSÉ FRANCISCO GUELFY CAMPOS**

LEGISLAÇÃO SOBRE DOCUMENTOS DE PROCESSOS JURÍDICOS PARA DIGITALIZAÇÃO., **MARCELO FERNANDES RODRIGUES (e co-autoria de Diana Vilas Boas Souto)**

A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOB O OLHAR DOS ALUNOS DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UFPB, **GENOVEVA BATISTA DO NASCIMENTO (e co-autoria de Ismael Batista dos Santos Silva, Katyuscia Sales de Assis)**

APLICABILIDADE DO GERENCIAMENTO ELETRÔNICO DE DOCUMENTOS: UM ESTUDO NA UFBA, **LUCINEIDE NASCIMENTO DE ALMEIDA DIAS (e co-autoria de Dulce Paradello)**

OS ARQUIVOS/REPOSITÓRIOS DIGITAIS COMO AMBIENTES DE LIVRE ACESSO À PRODUÇÃO DOCUMENTAL ACADÊMICA CIENTÍFICA, **GLEISE DA SILVA BRANDÃO (e co-autoria de Keyla Sousa Santos)**

ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO TÉCNICO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO PROJETO CINEMÓRIA – A HISTÓRIA DAS SALAS DE CINEMA DO ESPÍRITO SANTO (1907-2008), **ANDRÉ MALVERDES**

DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS EM AMBIENTE DE ARQUIVO, **LUIZ ANTONIO SANTANA DA SILVA (e co-autoria de Telma Campanha de Carvalho Madio)**

SUBPROJETO FOTOGRAFIA NA LATA : CRIATIVIDADE COM PINHOLE E MARMORIZAÇÃO, **JANAINA VEDOIN LOPES (e co-autoria de Carlos Blaya Perez, Bruno Stock, Carla Saldanha da Silva, Letícia da Silva Fausto, Tamy Silva)**

DE 1999 A 2012- O PANORAMA DA CONSTRUÇÃO DE WEBSITES EM INSTITUIÇÕES DE ARQUIVO DE ACESSO PÚBLICO NO BRASIL, **LEANDRA NASCIMENTO FONSECA (e co-autoria de Fernanda Maria da Costa)**

A ORGANIZAÇÃO ARQUIVÍSTICA NOS ARQUIVOS PESSOAIS DE ESCRITORES BRASILEIROS: RELATO DO ARQUIVO CLARICE LISPECTOR, **MARCOS ULISSES CAVALHEIRO (e co-autoria de Sonia Maria Troitiño Rodriguez)**

ARQUIVOS UNIVERSITÁRIOS: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS E REDES DE COOPERAÇÃO ENTRE AS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (IFES) DO BRASIL, **RENATO MOTTA RODRIGUES DA SILVA**

DESAFIOS DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA: DA ESCOLHA NO VESTIBULAR AO MERCADO DE TRABALHO, **FERNANDA MARIA OLIVEIRA DA COSTA**

O MAPEAMENTO CULTURAL E A GESTÃO DA INFORMAÇÃO NO ESTADO DO PARÁ, **MARIA DO SOCORRO BAIA DOS SANTOS (e co-autoria de Terezinha Maria de Jesus da Conceição Lima)**

A GESTÃO DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA COMO SUPORTE PARA A TOMADA DE DECISÃO POLÍTICA NA ÁREA DE SEGURANÇA PÚBLICA: O COMBATE AO NARCOTRÁFICO NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (2006-2010), **BRUNO MACEDO NATHANSOHN**

ATORES ACADÊMICOS DA ARQUIVOLOGIA NO BRASIL, **ELIEZER PIRES DA SILVA (e co-autoria de Thais Tavares Martins e Natacha Silva Fonseca)**

O USO DAS TÉCNICAS ARQUIVÍSTICAS PARA O REGISTRO DAS LIÇÕES APRENDIDAS NO GERENCIAMENTO DE PROJETOS, **MILENA DE JESUS MELO**

POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO DIGITAL: ESTUDO DE CASO EM ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA DE PORTO ALEGRE/RS, **VERA LÚCIA SANTOS DOS SANTOS**

FOTOGRAFIAS DE ROMEIROS COMO DOCUMENTO DE ARQUIVO, **ARILUCI GOES ELLIOTT (e co-autoria de Telma Campanha de Carvalho Madio)**

A RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO SOB A ÓTICA DOS USUÁRIOS: UM ESTUDO DE CASO DO USO DA BASE DE DADOS ACCESSUS, **RENAN MARINHO DE CASTRO**

CORRELAÇÃO ENTRE OS PRINCÍPIOS ARQUIVÍSTICOS E OS ANSEIOS DA HISTORIOGRAFIA NA ORGANIZAÇÃO DOCUMENTAL, **AUGUSTO CÉSAR LUIZ BRITTO**

MIGRAÇÃO DE SUPORTE DE FITAS MAGNÉTICAS DE ÁUDIO CASSETE: UM ESTUDO PRELIMINAR DO TRIBUNAL REGIONAL DA 4ª REGIÃO – TRF4, **MAURO SÉRGIO DA ROSA AMARAL**

A UFSM NO PROJETO RONDON – CAMPUS AVANÇADO DE RORAIMA: DESCRIÇÃO E ACESSO AO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL, **CAMILA POERSCHKE RODRIGUES (e co-autoria de Daniel Flores)**

ARQUIVOS SETORIAIS: EXPANSÃO DAS POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS NA UFSM, **MAIARA DE ARRUDA NASCIMENTO** (e co-autoria de **Camila Poerschke Rodrigues, Cristina Strohschoen, Débora Flores, Dione Calil Gomes, Franciele Simon Carpes, Livia Rocha Retamoso, Neiva Pavezi, Rita Medianeira Ilha, Rosilaine Zoch Bello**)

ESPAÇOS INFORMACIONAIS VIRTUAIS: A DISPONIBILIZAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA NA WEB, **MAIARA DE ARRUDA NASCIMENTO**

DOCUMENTAÇÃO SERGIPANA E AS NOVAS TIC'S: IMPACTOS E PRÁTICAS NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, NO ACERVO DE OBRAS RARAS DA BIBLIOTECA CENTRAL., **JOSEANE OLIVEIRA DA CRUZ** (e co-autoria de **Melânia Lima Santos, Ycaro Swuan Andrade Cor, Izabel Cristina da Silva Santos**)

ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA NO DEPARTAMENTO DE ARQUIVO GERAL (DAG/UFSM), **CAMILA POERSCHKE RODRIGUES** (e co-autoria de **Dione Calil Gomes, Franciele Simon Carpes, Livia Regina Rocha Retamoso, Maiara de Arruda Nascimento**)

O ACESSO E O SIGILO DOS DOCUMENTOS SEGUNDO A LEGISLAÇÃO ARQUIVÍSTICA BRASILEIRA., **ISAAC NEWTON CESARINO DA NÓBREGA ALVES** (e co-autoria de **André Luiz Dias de França**)

QUANDO UM E-MAIL É UM DOCUMENTO ARQUIVÍSTICO., **ISAAC NEWTON CESARINO DA NÓBREGA ALVES** (e co-autoria de **André Luiz Dias de França**)

O USO E "PÓS-USO" DA INFORMAÇÃO ORGÂNICA ARQUIVÍSTICA, **RODRIGO FORTES DE AVILA**

DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA DE PROCESSOS JUDICIAIS, **TASSIARA JAQUELINE FANCK KICH**

POLÍTICAS DE GESTÃO DOCUMENTAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG: DO SONHO À REALIDADE, **TATIANE VEDOIN VIERO** (e co-autoria de **Andrea Gonçalves dos Santos, Karin Christine Schwarzbald**)

SISTEMA INFORMATIZADO DE GESTÃO ARQUIVÍSTICA DE DOCUMENTOS DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MINAS GERAIS (SIGED/TJMG) EM FACE DOS REQUISITOS FUNCIONAIS DO E-ARQ BRASIL., **GISELI MILANI SANTIAGO BALBINO** (e co-autoria de **Leandro Ribeiro Negreiros**)

GESTÃO DE DOCUMENTOS NAS UNIDADES DE ARQUIVO E PROTOCOLO DA UNIRIO, **FABIANA DA COSTA FERRAZ PATUELI**

GERÊNCIA DE ARQUIVOS I : UMA RELAÇÃO TEÓRICA SOB A ÓTICA PRESENCIAL E VIRTUAL., **ROSANARA PACHECO URBANETTO** (e co-autoria de **Tatiana Costa Rosa**)

DIMENSÕES METACOGNITIVAS NO PROCESSO DE BUSCA DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA, **DULCE AMELIA DE BRITO NEVES** (e co-autoria de **Dirlene Santos Barros**)

ARQUIVO E ESCOLA: A CONTRIBUIÇÃO DA INTERNET NA DIFUSÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS, **PRISCILA RIBEIRO GOMES** (e co-autoria de **Magno Vinicius da Silva Monteiro, Alinne Pereira da Costa**)

LEITURA DOCUMENTÁRIA E ESTUDOS PALEOGRÁFICOS: O OLHAR ARQUIVÍSTICO SOBRE A DOCUMENTAÇÃO MANUSCRITA ANTIGA PARAIBANA DOS ARQUIVOS PÚBLICOS DA CIDADE DE JOÃO PESSOA RELATIVA ÀS ELITES PROVINCIAIS (1824-1840) , **FRANCINETE FERNANDES DE SOUSA** (e co-autoria de **Roberto Jorge Chaves Araújo**)

O ARQUIVO DE LINA BO BARDI: REVISITANDO UMA EXPERIÊNCIA

José Francisco Guelfi Campos

Universidade de São Paulo

Programa de Pós-graduação em História Social

jose.campos@usp.br

Resumo

Entre os meses de junho de 2011 e maio de 2012, um grupo da Associação de Arquivistas de São Paulo dedicou-se a organizar e descrever o arquivo da arquiteta Lina Bo Bardi (Roma, 1914 – São Paulo, 1992). Multifacetado, o fundo espelha não apenas as diversas atividades exercidas pela titular – com especial ênfase em sua atuação profissional, pela qual se notabilizou nos cenários brasileiro e internacional –, mas também os papéis sociais por ela vividos e as áreas pelas quais se interessou. As reflexões que pretendo fazer derivam dessa experiência. Partindo das premissas metodológicas da chamada abordagem contextual, propostas por Camargo e Goulart (2007), foram elaboradas estratégias específicas para o tratamento de uma documentação intimamente ligada à arquitetura, processo que demandou da equipe denso esforço de pesquisa. À luz dos resultados obtidos, minha intenção é compartilhar as decisões tomadas e os caminhos seguidos ao longo do processo, excedendo o estudo de caso de modo a analisar – sem pretensão de exaustividade – os desafios impostos pelos arquivos pessoais à teoria tradicional, no que tange à caracterização dos documentos e sua descrição. A crescente tendência à disponibilização de arquivos, sobretudo por meio da Internet, demanda olhar atento e posicionamento crítico por parte dos profissionais da área. Levando em consideração as formas de divulgação dos documentos de Lina Bo Bardi e de fontes congêneres, pretendo, ainda que em linhas gerais, debater os impactos de tal fenômeno sobre a democratização do acesso à informação e a função social dos arquivos.

Palavras-chave: arquivos de arquitetura, arquivos pessoais, descrição documental, teoria arquivística.

Por uma abordagem arquivística dos arquivos pessoais

Há muito os historiadores consideram os documentos pessoais fontes privilegiadas para a pesquisa nos mais diversos campos da historiografia, como bem sinalizam Philippe Artières e Dominique Kalifa (2002). Entre os arquivistas, contudo, tais documentos continuam a figurar como tema polêmico, ainda que se admita, como

alerta Heloísa Bellotto (1998), que nas últimas décadas o debate tenha experimentado sensível aquecimento.

De fato, se retrocedermos aos trabalhos seminais da teoria arquivística, não encontraremos neles qualquer traço de reconhecimento do estatuto dos documentos acumulados por pessoas ao longo de suas vidas. Publicado no final do século XIX, momento de inflexão no processo de institucionalização e afirmação da Arquivística como disciplina autônoma, o conhecido “manual dos arquivistas holandeses”¹ concebe os arquivos em sentido estrito como o conjunto dos documentos (oficiais) gerados e acumulados pela administração pública, noção que se repete no importante trabalho de Hilary Jenkinson (1922) e que ecoa no principal livro de T. R. Schellenberg ([1956] 2006). Contudo, é preciso ressaltar, a bem da justiça, que Schellenberg, já em 1956, embora não os considerasse como arquivos propriamente ditos – mas como coleções –, admitia a possibilidade de um “tratamento arquivístico” dos documentos privados de caráter pessoal.

O reconhecimento do estatuto dos arquivos pessoais é uma reivindicação recente, como demonstra o balanço das correntes do pensamento arquivístico empreendido pela pesquisadora norte-americana Catherine Hobbs (2010). Entre os autores brasileiros, a questão mereceu destaque nos estudos de Camargo (1988, 2009), Camargo e Goulart (2007), Lopez (2003) e Heymann (1997, 2009). Das múltiplas discussões possibilitadas pela especificidade de tais arquivos – dentre as quais se destacam aquelas de cunho antropológico, filosófico ou literário² –, interessam-nos aqui aquelas relativas à natureza e aos métodos de tratamento dos arquivos de pessoas.

Nessa via, vale a pena ressaltar o pioneirismo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, órgão da Fundação Getúlio Vargas, no desenvolvimento de metodologia específica para o tratamento de arquivos pessoais – a qual, por motivos exclusivamente didáticos, denominarei “tradicional” –, que inspirou métodos desenvolvidos por outras instituições em todo o país.

¹ A primeira edição do manual, cujo título oficial é *Manual de arranjo e descrição de arquivos*, data de 1898. Seus autores, Samuel Muller, Johan Feith e Robert Fruin, o descrevem, no prefácio, como um “livro enfadonho e medonho”. Longe disso, identifica-se nesse trabalho a gênese da teoria arquivística. Na década de 1970, foi traduzido para o português por iniciativa do Arquivo Nacional, edição utilizada neste trabalho. (Cf. ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS HOLANDESES, 1973).

² É crescente a ocorrência de análises nessas perspectivas, dentre as quais destacamos, à guisa de exemplo, as reflexões de Gomes (1998) e muitos dos artigos reunidos na coletânea organizada por Miranda e Santos (2011).

Entretanto, a tentativa de adaptar as peculiaridades de tais arquivos aos procedimentos adotados na classificação de arquivos institucionais mostra-se mais problemática do que se poderia supor. O que se observa é a adoção de múltiplos critérios, com especial ênfase sobre a classificação temática, e o recurso a macrocategorias para a contextualização dos documentos, fatores que levam, forçosamente, a sobreposições e impõem dilemas – como os apontados por Heymann (1997) – ao lidar com fontes que se relacionem a mais de um contexto de produção. Trata-se de um problema dos mais sérios: qual o sentido em compartimentar um arquivo em rubricas genéricas e abrangentes, como “vida pessoal”, “vida profissional” ou “produção intelectual”? Afinal, a vida de um indivíduo é passível da mesma “departamentalização” observada em uma instituição, operação que constitui o cerne do chamado método estrutural?

Mais complicada ainda é a frequente opção pela criação de uma série de “documentos pessoais”, geralmente (e inadvertidamente) destinada a abrigar os documentos identitários, aqueles produzidos à revelia da vontade do titular e que regulam sua existência no mundo do direito e o exercício da cidadania. A rigor, quais documentos não seriam “pessoais” em arquivos acumulados por pessoas?

Tais questionamentos motivam, ainda hoje, intenso debate, levando à criação de novas estratégias e procedimentos para o tratamento de arquivos dotados de tamanha singularidade. É preciso reconhecer, entretanto, que as implicações teóricas dos arquivos pessoais ainda não foram exploradas em toda a sua complexidade, deixando em aberto questões que se encontram longe de consenso entre estudiosos e profissionais da área.

A preocupação em resolver os problemas decorrentes da aplicação dos procedimentos preconizados pelos métodos “tradicionais” surge em artigo de Camargo (1988) que relata a experiência do Arquivo Público de Rio Claro no tratamento do arquivo do político integralista Plínio Salgado. Aí reside o gérmen do que anos depois se configuraria como a chamada “abordagem contextual”, desenvolvida pela autora para o tratamento dos documentos do ex-presidente da República Fernando Henrique

Cardoso (CAMARGO; GOULART, 2007), também adotada para o arranjo do arquivo de Lina Bo Bardi.³

Organizar e descrever um arquivo pessoal, evidentemente, não é tarefa fácil. Como bem observam Camargo e Goulart (2007, pp. 23 e 24), o recurso ao método funcional de arranjo procura evitar a polissemia e a instabilidade inerentes às macrocategorias classificatórias, a partir da identificação das atividades imediatamente responsáveis pela produção dos documentos ou, em outras palavras, de seus contextos originários. Para tanto, faz-se necessário responder a duas perguntas: “quando” e “como” surgiram os documentos. A chave do arranjo, portanto, reside justamente em caracterizar as circunstâncias sob as quais os documentos foram criados, refletidas nas atividades exercidas e nos eventos vividos pelo titular do fundo, bem como nas áreas pelas quais manifestou interesse, ao longo de sua vida, buscando definir suas dimensões temporais.

Lina Bo Bardi e seu arquivo

Um arquivo dificilmente contém “bombas” ou vestígios de escândalos e outros fatos que possam depor contra a memória de seu titular, isso porque ao longo da vida as pessoas geralmente reavaliam seus documentos, decidindo mantê-los ou não em razão de sua funcionalidade ou de valores de ordem emocional ou financeira. Deve-se levar também em conta o fato de que, após a morte do titular, a documentação não raro passa por outra seleção, promovida por seus herdeiros ou mesmo por arquivistas. Todavia, tampouco soa coerente afirmar que o arquivo constitui “uma pose” de seu criador, isto é, que o processo de acumulação documental obedece exclusivamente a critérios ligados à sua vaidade ou ao desejo voluntário de perpetuação de uma memória de si mesmo. Os documentos de Lina Bo Bardi não escaparam a esta situação.

Cumprir notar, aliás, que a leitura atenta e paciente dos documentos de um arquivo pode nos levar a inferir muito a respeito da personalidade de seu titular, o que merece cuidado especial por parte dos arquivistas, que devem, via de regra, atentar para outros elementos, uma vez que o objetivo de seu trabalho se concentra no (re)estabelecimento dos nexos e das relações que os documentos mantêm entre si, como

³ Outros arquivos vêm sendo tratados segundo este método. Entre eles ressaltam-se os de Adoniran Barbosa, organizado em laboratório promovido pela Associação de Arquivistas de São Paulo em 2010, e o fundo Professora Diva Francisca Sgueglia, pertencente ao Centro de Memória da Educação da Universidade de São Paulo.

forma de resgatar, ainda que não fisicamente, mas através de instrumentos descritivos, aquilo que Luciana Duranti (1997) denomina “vínculo arquivístico” ou, em outras palavras, a organicidade implícita ao conjunto documental.

Antes, contudo, de explorar as características que tornam o arquivo de Lina Bo Bardi tão peculiar e de expor as decisões tomadas e os caminhos percorridos ao longo do processo de arranjo e descrição, acredito ser de alguma valia conhecer um pouco mais da “arquiteto” (Lina assim se denominava, por declarar-se antifeminista) italiana que escolheu o Brasil como sua pátria e como seu lar.

Nascida na Itália, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, Achillina Bo (este era seu nome de batismo) graduou-se em Arquitetura em 1939. Não há em seu arquivo documentos que atestem o exercício da profissão durante os anos seguintes à formatura, mas encontram-se os vestígios de sua intensa produção no campo do jornalismo, como colaboradora em diversas revistas e como diretora dos periódicos *Domus* e *A – Cultura della Vita*. Em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, teve seu escritório destruído por um bombardeio. Com o fim do conflito, dois anos mais tarde, percorreu algumas áreas da Itália registrando os efeitos da guerra para uma série de reportagens.

Em 1946, casou-se com Pietro Maria Bardi e com ele visitou, em viagem de núpcias, o país que a acolheria até o fim da vida. É com algum assombro que ela descreve, em suas reflexões, a impressão que teve ao avistar o edifício do Ministério da Educação e Saúde, projetando-se como um grande navio branco sobre o mar da baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. Durante a estada, o casal conheceu Assis Chateaubriand, magnata da imprensa, que propôs a Pietro criar e dirigir um museu de arte em São Paulo. Começava aí a gestação do que seria, um ano depois, o Museu de Arte de São Paulo (MASP) e a aventura do casal Bardi na América.

Uma nova terra, um outro clima, um novo idioma. A adaptação de Lina ao Brasil pode não ter sido um processo tão simples, e sua curiosidade acerca da nova cultura manifestava-se no registro de expressões populares e nos apontamentos que fazia durante as conversas com a empregada doméstica. Se na Itália, empobrecida e destruída pela guerra, as condições de trabalho não pareciam favoráveis, no Brasil Lina pode desenvolvê-lo em múltiplas frentes, atuando como arquiteta, *designer* de mobiliário e de figurinos, cenógrafa, professora universitária, curadora de exposições e diretora de museus e outras instituições culturais.

Convidada pela Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia, Lina foi em 1958 a Salvador, onde realizou uma série de conferências. Meses mais tarde, assumiu a cadeira de Teoria da Arquitetura na mesma instituição. Começava aí um relacionamento especial com a Bahia, estado onde pode atuar como arquiteta, na restauração do Conjunto Arquitetônico do Unhão, e como agente cultural, criando e dirigindo o Museu de Arte Moderna e o Museu de Arte Popular, sedes de inúmeras exposições de artistas brasileiros e estrangeiros, além de programas educacionais e apresentações teatrais montadas em colaboração com o dramaturgo Martim Gonçalves. Nesse período também editou as conhecidas “Páginas Dominicais” no *Diário de Notícias*. A correspondência mantida entre ela e o governador Juracy Magalhães e sua esposa, dona Lavínia, indica a relação estreita que manteve com o poder, o que facilitou em certa medida sua atuação.

A repressão advinda do novo regime, instaurado com o golpe militar de 1964, fez-se sentir, em um primeiro momento, de forma mais acentuada nos estados do Nordeste do país. Em julho daquele ano, o Museu de Arte Moderna da Bahia recebeu uma Mostra de Material Subversivo, organizada pelo Exército. No mês seguinte, Lina demitiu-se do cargo. Retornaria à Bahia mais de vinte anos depois, quando executou o plano de revitalização do Centro Histórico de Salvador. Não se pode, contudo, estabelecer uma relação causal direta entre sua opção de deixar a Bahia e a perseguição movida pela ditadura: inúmeras passagens aéreas e outros documentos, como cartas e telegramas, mostram que Lina já não tinha residência fixa em Salvador há algum tempo, dividindo-se entre projetos em São Paulo e Rio de Janeiro, além de algumas estadias na Itália. A temática política e os regimes totalitários, como o fascismo e o nazismo, passam a ocupar grande parte de suas reflexões e apontamentos de leitura.

Alguns projetos fizeram com que se notabilizasse no Brasil e no exterior, entre eles o emblemático edifício do MASP, na avenida Paulista; a “Casa de Vidro”, sua residência no bairro paulistano do Morumbi; e o SESC Pompeia. Lina faleceu em março de 1992, enquanto se dedicava à restauração do Palácio das Indústrias, em São Paulo.

A extensa documentação por ela acumulada permite, certamente, múltiplas e distintas interpretações. Como adverte o arquivista Bruno Delmas (2010), o potencial de uso de um arquivo é sempre numeroso, diverso, mutável e imprevisível. Pautar-se pelos possíveis interesses de um arquivo para a pesquisa é um compromisso que, de antemão,

está fadado ao fracasso, razão pela qual as classificações temáticas devem ser evitadas no tratamento de arquivos, sejam eles de natureza institucional ou pessoal.

Arquivando os vestígios de uma vida

Como observei anteriormente, os arquivos pessoais sofrem, ao longo de sua constituição, processos recorrentes de seleção e descarte operados pelo próprio titular ou, após a sua morte, por seus herdeiros e também pelos arquivistas. No caso do arquivo de Lina Bo Bardi, são conhecidas as intervenções realizadas por sua irmã e pela atual coordenadora executiva do Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, instituição responsável pela custódia do fundo.

O tratamento do arquivo de Lina Bo Bardi se iniciou muito antes da contratação do grupo de trabalho da Associação de Arquivistas de São Paulo⁴, tendo sido desenvolvido por profissionais sem qualquer formação na área. O próprio entendimento do conceito de arquivo por parte da instituição mostrava-se bastante inadequado, e as intervenções operadas no conjunto documental comprometeram sua organicidade. Em primeiro lugar, as plantas arquitetônicas – principais representantes da atividade profissional da titular – foram apartadas do arquivo, recebendo tratamento técnico supostamente ancorado nos princípios da museologia. Tal procedimento também foi adotado para todo e qualquer documento, independentemente da espécie, que ostentasse desenhos de autoria de Lina Bo Bardi.

À equipe de arquivistas restou arranjar e descrever os demais documentos do fundo, depois de avaliados, sem critérios e parâmetros bem definidos e divulgados, pela coordenadora executiva da instituição de custódia. De início, deparamos com uma classificação previamente estabelecida, baseada no critério temático: os documentos estavam organizados em “dossiês” numerados, relativos aos projetos desenvolvidos pela titular. Para que se tenha noção das impropriedades de tal classificação, o primeiro deles intitulava-se “arquivo pessoal” (!), e seu conteúdo naturalmente se sobrepunha a todos os demais, revelando, de maneira contundente, a fragilidade do critério.

O entendimento controverso de conceitos como tipologia documental, forma, técnica de registro, entre outros indispensáveis para a caracterização dos elementos formais dos documentos, também constituiu um desafio a ser superado. Coube-nos, portanto, a (dura) tarefa de elaborar estratégia de tratamento documental que rompesse

⁴ Este grupo foi composto por Ana Maria de Almeida Camargo (coordenadora), Daisy Elias de Almeida, José Francisco Guelfi Campos e Thais Pelayo.

com as incoerências praticadas até então, propondo procedimentos e métodos firmemente fundamentados na teoria arquivística.

A composição híbrida dos arquivos pessoais, no que toca aos suportes, formatos e gêneros, geralmente leva profissionais da área a apartarem os documentos segundo suas necessidades especiais de conservação e acondicionamento, procedimento que pode levar à adoção de critérios distintos de tratamento, ancorados em técnicas e métodos próprios da biblioteconomia e da museologia, promovendo a desarticulação do conjunto e obscurecendo as relações que os documentos mantêm entre si. Mesmo que sejam, por razões técnicas, mantidos em depósitos, estantes ou caixas diferentes, é preciso que se tenha claro, na abordagem de qualquer arquivo, que os documentos devem ser considerados em seu conjunto, sob pena de perderem – às vezes irreversivelmente – o sentido. Somente a manutenção da integridade do fundo, alcançada através dos instrumentos de pesquisa,⁵ pode proporcionar, além de valor probatório aos documentos, uma “reserva inesgotável de objetos de estudos e de conhecimento” (DELMAS, 2010, p. 69).

A necessidade de contextualizar os documentos a partir das atividades desenvolvidas pela titular impôs à equipe de arquivistas a necessidade de recorrer a densa pesquisa sobre as funções e etapas envolvidas na prática da arquitetura. Além disso, o fundo espelha outras atividades desempenhadas por Lina ao longo de sua vida, bem como um sem número de eventos de que participou e as relações que manteve com amigos e familiares, o que tornou o trabalho ainda mais complexo.

A pesquisa de dados biográficos, obtidos em publicações diversas e, principalmente, nos documentos do próprio arquivo, levou à construção de minuciosa *cronologia*, alimentada constantemente ao longo do trabalho. Ao dispor os eventos vividos e as atividades desempenhadas pela titular em sua sequência temporal, a cronologia figura como importante instrumental de pesquisa para os arquivistas, durante sua prática. A remissão dos documentos, em séries tipológicas, aos contextos originários devidamente assinalados na cronologia torna este instrumento equivalente ao quadro de arranjo do fundo, representando-o em seu conjunto e resgatando sua organicidade.

⁵ Nunca é bastante frisar, tendo em vista o que se pratica em muitas instituições no país, que a ordenação física dos documentos não deve necessariamente coincidir com sua ordenação intelectual, representada pelos guias, inventários ou catálogos.

O arquivo de Lina Bo Bardi é capaz de espelhar, de maneira consistente, os diferentes setores em que atuou: administração doméstica, arquitetura, arquitetura de interiores, cenografia, curadoria, design de figurinos, design de mobiliário, discência, docência, edição, gestão financeira, gestão institucional, relacionamento familiar e social, entre outros, como mostra o extrato selecionado de sua cronologia.

Quadro 1 – Extrato selecionado da cronologia de Lina Bo Bardi

<i>ano</i>	<i>mês</i>	<i>dia</i>	<i>Ano</i>	<i>mês</i>	<i>dia</i>	<i>evento</i>	<i>documentos</i>
1914	12	05				Nasce em Roma.	Certidões de nascimento: 1.1222.1, 1.1222.2
1933			1939	11	25	Frequenta o curso de Arquitetura, na Università degli Studi di Roma.	Certificados de conclusão: 1.1291.1, 1.1293.3, 1.1295.1, 1.1295.2
1949			1950			Desenha móveis para a residência de Francisco e Iolanda Matarazzo, em São Paulo.	Orçamentos: 1.1153.2, 1.1155.2, 1.1158.2
1949			1951			Projeta sua residência, conhecida como “Casa de Vidro”, em São Paulo.	Cartas de cobrança: 1.101.2, 1.104.6, 1.136.5, 1.143.1 Listas de entrada de material: de 1.115.5 a 1.115.10 Memoriais descritivos: 1.110.1, 1.111.1
1950	10		1954	05		Dirige, em colaboração com Pietro Maria Bardi, a revista <i>Habitat</i> , até a edição de número 15.	Artigos: 1.475.1, de 1.656.4 a 1.656.6, 1.657.1, de 1.658.2 a 1.658.5, de 1.659.1 a 1.659.10, 1.659.12, de 1.660.1 a 1.660.3, de 1.661.1 a 1.661.5, de 1.665.1 a 1.665.3, de 1.666.1 a 1.666.3, de 1.667.1 a 1.667.3, 1.667.5
1958	08	01	1958	11	01	Leciona na Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia, onde ministra curso de Teoria da Arquitetura.	Apontamentos: 2.8.4, 2.8.5 Cartas de aceitação de convite: 1.541.2, 1.541.3 Convite: 1.541.1 Lista de alunos: 1.541.6 Monografia: 1.1060.1
1958	09		1958	10		Edita e diagrama as “Crônicas de arte, de história, de costume, de cultura da vida”, no <i>Diário de Notícias</i> , em Salvador.	Bibliografia: 1.1212.8 Reflexões: 1.1212.13 Subsídios: 1.979.1
1963	11	03	1964	02		Realiza a curadoria da exposição Nordeste, apresentada no Museu de Arte Popular, em Salvador.	Apontamentos: 1.1002.1, 1.1362.1, 1.1375.2

							Apresentação de obra: 1.1004.7 Cartaz de divulgação: 2.7.1 Lista de providências a tomar: 1.1375.3
1968						Cria cenários para o filme A Compadecida, dirigido por George Jonas, com base na peça teatral de Ariano Suassuna.	Carta de cobrança de honorários: 1.734.6 Entrevista: 1.736.1 Roteiro cinematográfico: 1.730.1

O trabalho, contudo, não se encerra com a cronologia, embora seja ela capaz de, por si só, permitir o acesso aos documentos. Ressaltamos a pertinência da elaboração de outros instrumentos auxiliares de pesquisa, como índices remissivos para nomes de pessoas e instituições, que assumem incontestável relevância quando o instrumento de pesquisa do arquivo é divulgado em meio impresso. Da pesquisa realizada pelos arquivistas derivam também glossários específicos, com definições objetivas dos tipos documentais disponíveis e dos tipos de atividades e eventos, essenciais para respaldar de maneira responsável o trabalho dos consultentes, explicitando não só a lógica adotada, bem como as decisões tomadas no processo de descrição e classificação dos documentos.

Questões de ordem institucional vêm adiando a divulgação do trabalho e dos instrumentos de pesquisa, num movimento contrário ao de democratização do acesso à informação a que se assiste atualmente, representado pelas iniciativas cada vez mais frequentes de disponibilização de acervos *on-line*. Trata-se de uma tendência que demanda um olhar atento e um posicionamento crítico por parte dos profissionais da área. Da mesma forma em que se deu, décadas atrás, o fenômeno da “microfilmagem selvagem” de documentos de arquivo, hoje talvez estejamos igualmente iludidos pelos supostos benefícios da digitalização, procedimento que, uma vez feito sem o devido rigor técnico, pode comprometer a integridade física dos documentos e a própria lógica de arranjo dos fundos.

Vistas muitas vezes como “tábuas de salvação” para os problemas relativos ao acesso, as bases de dados requerem igual rigor técnico em sua concepção, instigando um debate fértil (embora nem sempre tranquilo) com profissionais da informática e da tecnologia da informação. Nunca é bastante frisar que, em ambiente virtual, elas devem cumprir as mesmas finalidades dos instrumentos de pesquisa tradicionais, garantindo o

acesso aos documentos e a compreensão do todo orgânico que constitui o arquivo e estabelecendo o elo entre o arranjo e as expectativas de pesquisa dos consulentes.

O outro lado da experiência

Revisitar a experiência com o arquivo de Lina Bo Bardi é motivo de orgulho pela qualidade do trabalho desenvolvido, fundamentado em densa pesquisa, fiel aos princípios preconizados pela Arquivística e dentro de abordagem inovadora capaz de romper com as impropriedades anteriormente praticadas. O método aplicado permitiu cumprir de maneira satisfatória o sentido do fazer arquivístico: restabelecer os elos entre os documentos, explicitando a organicidade que os permeia em seu conjunto e dando visibilidade às atividades e/ou eventos para os quais serviram de instrumento e prova.

Contudo, o contexto institucional em que se desenvolveu o trabalho impôs severas restrições ao completo sucesso do empreendimento. Não se pode, ao fim e ao cabo, considerá-lo uma experiência feliz. As limitações do Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, no que toca à infraestrutura e à formação de seu quadro profissional, certamente se repetem em tantas outras instituições no Brasil, razão pela qual se constata a discrepância da qualidade dos trabalhos realizados e dos serviços oferecidos por nossos arquivos e centros de documentação.

Como justificar o funcionamento de uma instituição responsável pela custódia de fundos de arquivo sem a presença de arquivistas ou de profissionais com treinamento específico na área? Pior, como conceber a insistência de sua coordenadora executiva, publicitária de formação, em dar a documentos de arquivo um tratamento supostamente baseado em critérios museológicos, subvertendo sua própria natureza?

Pelas características de seu acervo e dos serviços que pretende prestar à sociedade, o Instituto Lina Bo e P.M. Bardi identifica-se, perfeitamente, como centro de documentação, e seria absolutamente saudável que seus diretores assim o entendessem, em nome da própria sobrevivência da entidade. Na prática, tal entendimento deveria se refletir na abertura de um campo fértil para o desenvolvimento de trabalho essencialmente interdisciplinar, pautado no necessário diálogo entre profissionais qualificados das áreas da Arquivologia, da Biblioteconomia e da Museologia, tendo em vista a elaboração de estratégias inovadoras e sólidas para o processamento técnico de

sua documentação, bem como para o incremento dos serviços prestados aos pesquisadores.

Desta experiência fica, portanto, mais do que os avanços que pudemos oferecer ao desenvolvimento de um método adequado ao tratamento dos arquivos pessoais, atendendo, sobretudo, às especificidades dos chamados “arquivos de arquitetura”, ramo ainda pouco explorado no Brasil. O grande aprendizado recai sobre o velho jargão da necessidade de diálogo entre diferentes especialidades, exaustivamente repetido na literatura da área, que busca afirmar uma interdisciplinaridade raramente levada a cabo no dia-a-dia das instituições arquivísticas, em função das necessidades pessoais de autoafirmação de alguns de seus profissionais. Torna-se, assim, fundamental repensar a prática, a natureza e a vocação das instituições arquivísticas, tendo em vista a superação de um certo corporativismo vulgar que nos rodeia, sob pena de repetição de velhos erros e da inviabilização de trabalhos comprometidos com a seriedade e com a qualidade.

Referências

- ARTIÈRES, Philippe; KALIFA, Dominique. Présentation. L'historien et les archives personnelles: pas à pas. *Sociétés & Représentations*, Paris, n. 13, p.7 – 15, 2002.
- ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS HOLANDESES. *Manual de arranjo e descrição de arquivos*. Trad. Manoel Adolpho Wanderley. 2ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1973.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debate com Terry Cook. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p. 201-208, 1998.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v.45, n.2, p.26-39, jul. – dez. 2009.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais: uma proposta de descrição. *Arquivo: boletim histórico e informativo*, São Paulo, v.9, n.1, p.21-24, jan. – jun. 1988.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida; GOULART, Silvana. *Tempo e circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais: procedimentos metodológicos adotados na organização dos documentos de Fernando Henrique Cardoso*. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007.

DELMAS, Bruno. *Arquivos para quê?* Textos escolhidos. Tradução Danielle Ardaillon. Revisão técnica Heloísa Liberalli Bellotto. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2010.

DURANTI, Luciana. The archival bond. *Archives and Museum Informatics*, Pittsburgh, v. 11, n. 3-4, p. 213-218, 1997.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos pessoais. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 41-66, 1997.

HEYMANN, Luciana Quillet. O indivíduo fora do lugar. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 45, n. 2, p. 40-57, jul. – dez. 2009.

HOBBS, Catherine. Reenvisioning the personal: reframing traces of individual life. In: EASTWOOD, Terry; McNEIL, Heather (eds.). *Currents of archival thinking*. Santa Barbara, CA: Librarians Unlimited, 2010, p. 213-241.

JENKINSON, Hilary. *Manual of archival administration: including the problems of war archives and archive making*. Oxford: Oxford University Press, 1922.

LOPEZ, André Porto Ancona. Os arquivos pessoais e as fronteiras da arquivologia. *Gragoatá*, Niterói, v. 2, n. 15, p. 69-82, 2003.

MIRANDA, Wander Melo; SOUZA, Eneida Maria (orgs.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SCHELLENBERG, Theodore Roosevelt. *Arquivos Modernos: procedimentos e técnicas*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.